



Alfredo Bosi na
Academia Brasileira
de Letras, no Rio de
Janeiro, em 2011

UM CRÍTICO PLURAL

Partindo de sólido referencial filosófico,
Alfredo Bosi propôs a revisão da
história literária e cultural do Brasil

Christina Queiroz

Alfredo Bosi, professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), morreu no dia 7 de abril, aos 84 anos, vítima da Covid-19, em São Paulo. Bosi, que começou a carreira lecionando literatura italiana, elaborou análises literárias pioneiras a partir de seu conhecimento em filosofia e história e formou gerações de profissionais desde a década de 1970. Viúvo de Ecléa Bosi (1936-2017), deixou dois filhos, Viviana, docente de literatura na mesma instituição, e o médico e economista José Alfredo, além de dois netos.

Descendente de italianos, Bosi (*ver* Pesquisa FAPESP n.º 87) nasceu em São Paulo, em 26 de agosto de 1936. Filho de uma costureira e de um ferroviário, viveu a infância no bairro da Barra Funda. Depois de graduar-se em 1960 em letras pela USP, estudou durante um ano em Florença, na Itália. De volta ao Brasil, passou a lecionar língua e literatura italianas na própria USP, no Departamento de Letras Neolatinas, hoje Departamento de Letras Modernas. Em 1971, transferiu-se para

o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, assumindo a disciplina de literatura brasileira. Tornou-se professor titular em 1985.

Autodidata em filosofia, Bosi foi um estudioso da obra de intelectuais italianos como Giambattista Vico (1668-1744), Benedetto Croce (1866-1952) e Antonio Gramsci (1891-1937). A partir desse arcabouço conceitual, elaborou análises consideradas fundadoras sobre a produção de autores brasileiros como o poeta Cruz e Sousa (1861-1898), os escritores Lima Barreto (1881-1922), Graciliano Ramos (1892-1953), Machado de Assis (1839-1908) e João Antônio (1937-1996).

“Bosi propôs uma revisão de toda história literária e cultural do país. Atento aos grandes pensamentos, mas também aos pequenos detalhes, nessa dialética entre o grande e o pequeno des-cortinou formas diferentes e caminhos novos para compreensão da poesia e do romance brasileiro”, analisa Marco Americo Lucchesi, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL). “Era um ‘homem do Renascimento’, estudou com os grandes mestres e historiadores de Florença, realizando um traço de união entre Brasil e Itália.”

Aluno de Bosi na graduação, Paulo Martins, hoje diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), destaca que, apesar da profundidade das reflexões, Bosi se preocupava em elaborar textos que pudessem ser compreendidos por todos os públicos, e não apenas por especialistas. Nesse sentido, menciona *História concisa da literatura brasileira* (Editora Cultrix, 1970), considerado o mais longo manual de literatura brasileira, escrito por Bosi aos 34 anos de idade. Referência para alunos de graduação e pesquisadores de literatura, o livro está em sua 52ª edição. “A obra resume de forma clara e acessível a trajetória da literatura brasileira, colaborando com a popularização da disciplina”, avalia.

Sergio Alcides Pereira do Amaral, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atribui à formação na área do italianismo sua solidez filosófica e a capacidade teórica notável. “Mesmo assim, jamais subordinava o objeto literário a questões teóricas”, afirma. Para Amaral, Bosi preservou o frescor e a curiosidade do leitor de poesia, transmitindo essa atitude para gerações de alunos.

Para além do campo literário, Martins, da FFLCH-USP, destaca a atuação política de Bosi, incluindo seu percurso como militante em movimentos operários em Osasco, na Grande São Paulo, durante a ditadura militar (1964-1985) e a atuação no Centro de Defesa dos Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns, presidido por ele entre 1982 e 1984. “Bosi era católico e sua relação com alas progressistas da igreja e com a teologia da liber-

tação resultaram em ações importantes durante o processo de redemocratização do país”, recorda.

“É reducionista considerá-lo apenas um crítico. Sua formação envolvia conhecimentos em história e filosofia, além de estética literária”, afirma Fernando Paixão, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). Ele destaca os estudos de poesia realizados por Bosi, em especial aqueles envolvendo Machado de Assis. “No caso de *Dom Casmurro*, por exemplo, Bosi insere a obra em uma tradição universalista, destacando o movimento do narrador de revelar mazelas comuns à humanidade”, compara Paixão, que editou diversos livros do pesquisador no período em que trabalhou na Editora Ática. Um deles, *Machado de Assis: O enigma do olhar* (Ática, 1999), venceu o Prêmio Jabuti na categoria Ensaio e Biografia.

“Nas análises sobre Machado, Bosi propõe visões ancoradas na história e na sociedade brasileira, mas também busca lançar um olhar compassivo aos personagens, revelando sua dimensão humana e mostrando como neles podem conviver aspectos cruéis e sublimes ao mesmo tempo”, comenta Hélio de Seixas Guimarães, da FFLCH-USP.

Em depoimento concedido por e-mail, Alcides Vilaça, da FFLCH-USP, rememorou os primeiros contatos que teve com Bosi em um curso sobre Modernismo ministrado em 1971. “Todas as informações, atribuições e relações nodais entre as matérias tratadas – com a literatura no centro, mas sempre em perspectiva de articulação – eram acionadas num compromisso tácito com a construção da vida”, diz.

Para Alcir Pécora, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, Bosi foi um intelectual capaz de lidar com qualquer assunto da história literária brasileira e era dono de uma “inteligência equilibrada, conciliatória e nunca sectária”. “Essa visão ecumênica permitiu-lhe um tipo de atividade institucional muito eficaz para sedimentação de vários projetos relevantes em toda a USP”, observa, ao apontar seu envolvimento na criação do Instituto de Estudos Avançados (IEA), onde foi diretor (1998 a 2001) e vice-diretor (1987 a 1997) e editou, durante 30 anos, a publicação da revista *Estudos Avançados*. Pécora chama a atenção também para as pesquisas realizadas por Bosi no âmbito das letras coloniais e, em particular, das letras jesuíticas.

Em 1996, o pesquisador foi condecorado com a Ordem do Rio Branco e, em 2003, tornou-se o sétimo ocupante da Cadeira nº 12 da ABL. Casado durante 57 anos com a psicóloga Ecléa Bosi (ver Pesquisa FAPESP nº 218), professora do Instituto de Psicologia (IP) da USP, Bosi sofreu profundamente o impacto de sua morte, em 2017, segundo Paixão. “Ele adoeceu e foi se desligando dos afazeres literários. Mesmo assim, talvez por causa da sua relação com o catolicismo, mostrava uma atitude esperançosa e não se entregava ao imobilismo.” ■